

HOMENAGEM A TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA

Márcio Ricardo Coelho Muniz*

No ano de sua chegada ao Brasil, 1959, Jorge de Sena declara seu desejo em “conhecê-lo, compreendê-lo e amá-lo”, reconhecendo a última dessas ações como a de mais difícil execução. Por meio da leitura e do estudo sistemático das obras de escritores brasileiros, cumpriu os dois primeiros daqueles desejos. Já o profundo amor pela pátria que o acolheu em sua diáspora é mais fortemente revelado quando Sena já não está no Brasil, embora ainda em exílio. Continuando a perseguir a “liberdade de viver e expressar-se”, que não mais encontrava no Brasil pós-golpe militar de 1964, Sena foi para os EUA, onde, como poeta e professor universitário, buscou “dar ao Brasil [...] uma situação de prestígio na literatura mundial”, como afirmou Carlos Drummond de Andrade. É em sua estada em Madison, no fatídico, para nós brasileiros, mas revolucionário ano de 1968, que Sena homenageia Tomás Antônio de Gonzaga, deixando vaziar pedaços de seu amor. Amor ao Brasil e a sua literatura, e particularmente a um de seus poetas mais emblemáticos.

Em sua homenagem a Gonzaga, Sena assume um coloquialismo ao mesmo tempo sensível e direto: o poeta mineiro poderia ter se invisibilizado em meio a “insuportáveis versos/ de um árcade pedante”, mas preferiu deixar que “o espírito e o coração alça[ssem] vôo largo”, como dele afirmou Antonio Candido. Na obra deste poeta de espírito livre, Sena captura um momento de fulgor: “eu tenho um coração maior que o mundo”. Raridade do dizer poético que, por si só, permite elevar o poeta mineiro ao panteão de Apolo.

Às circunstâncias da prisão por suposta participação no movimento conspiratório contra a coroa portuguesa, impressas na produção da segunda parte do poema *Marília de Dirceu* – a cujas adversidades, sintetizadas

poeticamente na Lira II, Gonzaga responde com esta afirmação de liberdade íntima e de “grandeza invulgar” –, Sena superpõe o espanto e o encantamento que o verso do poeta mineiro lhe causam: “uma das mais raras coisas/ que um poeta disse”. Sob o impacto da beleza simples do verso, Sena considera a hipótese de Gonzaga tê-lo “copiado” de “algum velho clássico”, já que a *imitatio* era recurso retórico altamente valorizado pelas práticas letradas setecentista. Todavia, de imediato, a particularidade do dizer poético de Gonzaga volta a se impor, e Sena retorna ao encantamento inicial: maior que as circunstâncias políticas, maior que os amores da bela Marília, maior que o mundo é o coração do poeta da antiga Vila Rica.

Escritor de dizer livre, por isso em permanente exílio, Sena escolhe para centro de seu elogio a Gonzaga o verso em que o poeta mineiro anuncia ser possuidor de um espírito livre, insubmisso. É este verso de liberdade, arma empunhada pela pena de Gonzaga contra seus detratores, que o encanta e o maravilha. Insubmissão poética que Sena exercitou como poucos, em sua constante defesa pela “liberdade de viver e expressar-se”. Como Gonzaga, Sena também teve “um coração maior que o mundo”, coração que soube envolver de amor o Brasil e sua literatura.

Poema de *Peregrinatio ad loca infecta*, “Homenagem a Tomás António Gonzaga” acompanha os demais textos do livro em sua defesa da liberdade, reconhecível no verso tomado como centro do elogio, e na consciência de que, para lá de “pátrias [que] nos compram e nos vendem”, que nos obrigam a peregrinações por lugares infectos, a verdadeira pátria é a língua, ela o irmana ao poeta brasileiro e ao seu livre expressar. Elogio da língua, da liberdade, do particular dizer de Gonzaga – “Por certo/ que o teu coração era maior que o mundo:/ nem pátrias nem Marílias te bastavam”.

O reparo, estendido a Rimbaud, com que conclui a homenagem a Gonzaga, Sena coloca-o entre parênteses, como a não macular o elogio. Registra a nota incongruente, mas, como no início, prefere ladear as circunstâncias para que o fulgor surpreendido no verso siga sua trajetória de

encantamento. Afinal, no coração de Sena, parafraseando Gonzaga, coube o imenso Brasil que tanto amou.

* Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. Professor Associado de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Professor Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPgLitCult/UFBA) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFBA).